

REFLEXÕES SOBRE VOZ E POESIA EM VALDELICE PINHEIRO

Mércia Socorro Ribeiro Cruz (UESC)¹
Mari Guimarães Sousa²

Resumo: A poesia de Valdelice Pinheiro (1) é a expressão do eu-lírico da poetisa, denota simplicidade, liberdade, busca existencial, é, portanto, uma poesia que anseia uma verdade nova que contesta a falsa ordem. A VOZ (em maiúscula) é desencadeadora do processo criador, está implícita no texto e diz respeito às inquietações, o eu-lírico, a realidade re-criada pelo poeta.

Palavras-chave: voz; poesia; processo criador.

*Criar é explodir-se no ser
Valdelice Pinheiro.*

A poetisa itabunense Valdelice Soares Pinheiro (1929 – 1993), educadora e filósofa, revela em sua poesia de cunho filosófico a busca incessante da essência do ser, do homem integral. Em linhas gerais, a simplicidade do viver em comunhão com a natureza constitui a base do seu processo criador.

A VOZ – em maiúscula, como prefere a poetisa, é um chamado do infinito, que a remete ao *encontro/ de todos os mistérios, / de todos os milagres*. É a *íntima voz* que a consola, que alivia a dor da existência, no mecanismo propulsor de sua criação poética. Para VP a poesia é a expressão mais profunda da liberdade criadora, a própria substância da arte. Refletir sobre a VOZ poética (processo criador) que insurge de uma forma redimensionada pela autora nos textos poéticos, filosóficos e autoreferenciais, é o ponto de partida deste estudo.

Conforme Bosi (1990, p. 176), “a poesia, se quer uma verdade nova, será utópica. Utopia: fora do tempo. Como a imaginação criadora”. Isso permitiria operar um contexto contra-ideológico que aparece como uma poesia de resistência, ou seja, aquela que “resiste à falsa ordem que é a rigor, a barbárie e caos... resiste aferrando-se a memória viva do passado; resiste imaginando uma nova ordem que se recorta no horizonte da utopia” (ibidem, p. 146). A poesia de resistência evidencia inconformismo com o caminhar da sociedade e, através das estratégias da metalinguagem, demonstra os problemas existentes entre linguagem e realidade. Há, na poesia de VP esse inconformismo, sua arte contesta o caos a partir de realidades vivenciadas em sua infância grapiúna: as desigualdades sociais geradas pelos desmandos dos coronéis das terras do cacau. De acordo com Simões (2002), as suas vivências acham-se refletidas no objeto de sua criação.

O objetivo deste estudo é pontuar o discurso contra-ideológico da autora no contexto histórico vivenciado pela mesma, com base em seus textos poéticos, pois a poesia de VP reveste-se filosoficamente de *uma verdade nova*, fruto de sua realização imaginária e de seu processo criador. O estudo visa a compreender as especificidades poéticas de VP. Suas concepções ideológicas, o olhar sensível que direciona às coisas

¹ Aluna da Especialização Estudos Comparados em Literaturas de Língua Portuguesa. www.uesc.br/icer
E-mail:mercia_melrc@hotmail.com

²Graduada em Letras (Inglês), mestra em Cultura & Turismo (UESC/UFBA. Integrante do grupo de pesquisa Identidade Cultural e Expressões Regionais (ICER-DLA-UESC); mariagsousa@hotmail.com

simples da vida que, por sua vez, levam o leitor a reflexões profundas sobre o homem e suas buscas. Para tanto, serão selecionados textos poéticos com o intuito de identificar, através da metalinguagem, a constituição de sentido de sua poesia. Para VP poesia e poeta são uma coisa só, pois o *poeta não fica no que escreve, porque o poeta é o que escreve*.

O estudo se fundamenta na pragmática textual histórica de Gumbrecht (2005) que apresenta como foco de análise a ação, isto é, o modo pelo qual o leitor recebe o texto. Tal postura teórica implica na pluralidade de sentidos atribuídos ao texto poético a depender dos diversos níveis de leitura bem como leitores. Assim, serão analisadas as constituições de sentido da voz poética de VP em sua poesia de resistência e também em metapoemas se vale da metalinguagem como código.

Assim, os poemas a serem aqui analisados, seguem uma ordem pela qual o autor, em seu processo criador, desconstrói para criar, ou melhor, re-significa as suas vivências a partir das suas inquietações e possibilita, através do texto, o diálogo com o leitor, onde “o texto passa a ser explorado como um centro de referência para múltiplas ações de “constituição” de sentido, entre as quais a “ação criativa” do autor não mais mantinha necessariamente uma posição de prioridade” (GUMBRECHT, 2005, p.91). Desse modo, há uma espécie de intervenção do leitor na obra.

O trabalho se estrutura em partes que perpassa por uma concisão de idéias, demonstradas através de fragmentos dos poemas de VP a fim de verificar a linguagem metapoética como uma forma de contestação bem como o olhar da poetisa, a sua visão de mundo, aquilo que a vislumbra em seu fazer poético. É nesse sentido que a VOZ (fonte de criação), fazendo-se leitora de si mesma, deixa a ação do texto agir em discurso auto-interpretativo’ (SIMÕES, op. cit.).

A POESIA COMO UMA TÉCNICA AUTÔNOMA DE LINGUAGEM

A linguagem, compreendida no âmbito da teoria das comunicações, é todo um sistema de signos. A metalinguagem, uma das funções da linguagem poética, é utilizada como um recurso artístico, que se volta para o próprio código. Em dado momento, na literatura, esse recurso é capaz de criar distanciamento entre o leitor e a obra, mas por outro lado, pode também despertar o leitor para a consciência de arte como ‘fazer artístico’. Há o momento de consagração do instante onde o poeta reporta ao seu fazer artístico, como no poema que segue:

Eu queria que
a minha palavra
fosse como cristal:
dura para ferir
mas tão límpida
que mostrasse
o outro lado.

(Valdelice Pinheiro, 2002).

O poeta liberta, através de sua poesia, o seu interior, a sua angústia, referindo-se ao objeto de criação: o poema falando poema, a palavra falando da palavra. O caminho de resistência trilhado nesse poema é o de poesia-metalinguagem - por tratar do próprio código; e poesia-biografia por conta do artista falar de si mesmo, na sua intenção de ser. Para Bosi (Op. cit, p.147), “dos caminhos de resistência trilhados (poesia-

metalinguagem, poesia-mito, poesia-biografia, poesia-sátira, poesia-utopia) o primeiro é o que traz marcas mais profundas de certos modos de pensar”.

Na ordem dessa lógica de pensamento, importa ressaltar que:

Toda vez que por “metalinguagem” entendo o domínio antecipado e vinculante de um código, estou diante de um estágio avançado de reificação do fazer poético: é a ideologia acadêmica que, já na fase tecnicista, põe a nu o seu know-how.

No entanto, posso entender por “metalinguagem” não a ostensão positiva e eufórica do código; não a norma, a regra abstrata do jogo, mas exatamente o contrário: o momento vivo da consciência que me aponta os resíduos mortos de toda retórica, antiga ou moderna; e com a paródia ou com a pura e irônica citação, me alerta para que eu não caia na ratoeira da frase feita ou do trocadilho compulsivo. Aqui, a consciência trava mais uma luta e cumpre mais um ato de resistência a essa forma insinuante de ideologia que se chama “gosto” (BOSI, Op. cit, pp. 148-149).

Ao referir-se ao livro *Pacto*, VP diz: “Pacto representa pra mim a alegria de ter podido dizer a um maior número de pessoas aquilo que sinto e penso. E uma alegria não se agradece, não é? Acho que uma alegria se retribui e só posso fazê-lo com minhas palavras expressando meus sentimentos” (Inédito - Processo Criador, f. 2).

A fala da poetisa, nos versos abaixo, revela a sua ideologia, a luta travada no gosto de sentir a vida. Tais buscas compõem um quadro, uma paisagem, um **retrato**:

Retrato

O canto contido
no centro do corpo,
o pranto pasmado,
perdido de dor,
o gesto partido
nos dedos sem fé,
o peito matado
nas ânsias de amor.
E os pés sem caminho
marcando,
sem passo,
um destino sem traço,
sem voz
e sem cor

(Valdelice Pinheiro, 1977).

O poeta utiliza-se da linguagem em seu discurso de recusa e invenção para recobrar a força e a voz. A voz poética. Segundo VP, “de dentro de mim nasceu esse pacto, que é de amor e de agonia, de vida e de morte, mas também de coragem e de fé. E de alegria” (Inédito – Processo Criador, f.1). Assim, “a poesia diz mais do que poesia quer dizer. O que quer então dizer poesia? Poesia quer dizer o primeiro fazer”. (NANCY 1996, p. 16).

Nessa perspectiva, a poesia é *acesso de sentido*, na medida em que esse sentido vai se construindo simultaneamente ao fazer poético. Desse modo, o termo poesia abrange uma pluralidade de aplicações. O que é indefinível passa a ter constituição de sentido através da poesia. Conforme Nancy (Op. cit), a resistência da poesia surge da sua necessidade enquanto recurso inconsciente do sentido.

RESITÊNCIA DA POESIA COMO UMA POSSIBILIDADE HISTÓRICA

A meta-poesia é uma forma de poesia crítica de si mesma, pela qual o poeta exprime o seu fazer poético. Em VP a concepção filosófica da vida, a busca da liberdade, a valorização da natureza, a desigualdade social e, em especial, a busca existencial, dão a tônica de sua criação poética e provocam reflexões dessa ordem. Ao descrever o artista, VP o considera como um “ser que não precisa se comprometer com nada porque ele próprio, por si, já é o olho mágico, descobre o presente, que recria o objeto e o fato para o ângulo maior da história” (SIMÕES, op. cit, p.30).

Assim, no poema **Rabiscos**, o eu-lírico delicadamente insinua-se entre a poesia e o poema: poesia é sensação, poder, conhecimento, sentimento, o abstrato e, mesmo não conseguindo se materializar, tornar-se um poema, permanece inquieto, vivo e dialoga com os vazios do poeta.

Deixo que a mão vá
como se fosse asa
e traga do silêncio
de mim
o riso,
ou a palavra
que eu não digo,
ou a música
que eu não faço.
Deixo que a mão vá
e busque
na solidão
de onde não me sei,
o risco que me traça
o grito,
a linha que me traz
a voz.
Deixo que a mão vá e,
como se fosse um deus
fiando luz,
me crie
de meu nada.

(Valdelice Pinheiro, 1994).

Em textos autoreferenciais, a poetisa revela o seu fazer criador:

A poesia é a essência mesma da vida, não porque sejamos, nós homens, maiores e melhores, mas exatamente porque somos pobres, pequenos e piores. Fazer poesia é procurar uma grandeza sonhada, ou perdida; é uma busca daquilo que queríamos ser e queríamos que fosse. Porque o poeta, como o filósofo, é esse micróbio que conhece as entranhas (Inédito Processo Criador, f. 31).

Conforme Chalhub (1998, p. 42), “o poema que se pergunta sobre si mesmo e, nesse questionamento, expõe e desnuda a forma com que fez a própria pergunta é um poema marcado com o signo da modernidade. Constrói-se contemplando ativamente a construção”. Nessa ótica, trata-se de um poema que traduz a busca de conhecimento do ser.

Uma poesia que busca uma verdade nova é a poesia que resiste a opressão, ao desmando, as injustiças. Por outro lado, busca a paz, a confiança no homem e a liberdade, as suas expectativas quanto ao futuro nos versos:

*Eu não sei
do pássaro
que sou
na manhã
de mim.*

É o abandono no momento de criação:

*A alma da cigarra
Transparente
pousou na
Rosa e fecundou
o verso.*

No processo criador o poeta tem na sua poesia algo que se polariza (PAZ, 1982), que se congrega e se isola num produto humano: quadro, canção, tragédia. Desse modo, o poético é poesia em estado amorfo. Ao expressar sua inquietação, suas dores e as dores de seu povo, o poeta tem no poema a criação e, de acordo com Bosi, é a poesia que se ergue:

*Essas mãos
negras
nessas bagas
brancas...
como se fossem
forja
modelando ouro...
(Valdelice Pinheiro, 2002).*

A ideologia contida no poema apresenta uma inconformidade com a desigualdade social que, na época dos coronéis do cacau, exploravam a mão de obra do negro trabalhador. Nota-se uma comunicabilidade com o leitor nas linhas do verso que dizem muito mais da história local no contexto vivido pelo poeta e sua poesia.

De acordo com Barbosa (1974, p. 38):

Ao discutir, utilizando, o código de que se utiliza, o poeta inverte os termos do jogo da representação ingenuamente realista e abre espaço para a realidade mais complexa que envolve tanto indivíduo quanto história, presente e passado, poema e linguagem.

A dessacralização da poesia faz surgir um poema voltado para a reflexão metalingüística. A poesia fragmentada simboliza a crise do homem atual, a busca de respostas que permitem a problematização da linguagem. Nos versos do poema *Angola* a luta travada entre o que detém o poder e o que está à margem evidencia-se na fala do poeta:

*É preciso medir
o ferro
e a forja
no corpo luminoso*

desse negro
e saber
do grito livre
dessa África.
(Valdelice Pinheiro).

No poema evidencia-se, através dos versos, das palavras, a necessidade, a busca de liberdade. Nesse sentido, Paz (1993, p.125), afirma que “a poesia canta o que está acontecendo; sua função é dar forma e fazer visível a vida cotidiana”. A história perpassa pelos caminhos da criação de um modo redimensionado pela lente do poeta, do escritor, que nas suas angústias canta a esperança, a tristeza, a luta, as dores, a vida, a alegria e as vitórias quando são permitidas.

É assim que nasce a poesia, na intensidade e na explosão do ser:

Hoje eu quero versos
com gosto e cor de sal
versos que me lembrem
todos os mortos
e me falem
de todos os vivos,
hoje eu quero versos
com gosto e cor de sal
para deixar nas minhas mãos
destemperadas
a solidão do ser,
aqui,
o que eu não sou
(Valdelice Pinheiro, 1961)

VOZ E POESIA NO HORIZONTE DA UTOPIA

Para Valdelice Pinheiro (Processo Criador, f. 34), “o mundo do poeta não pode limitar-se à insignificante realidade dos que se dizem realistas. Porque essa realidade é apenas o imediato, a superfície, o objeto encarnado oprimindo o corpo, tosando as asas, estreitando a alma”. A visão do poeta está além, transpõe essa realidade ressignificando-a.

Segundo Bosi (Op.cit, p.177), “a poesia que despega do fascínio da imagem (passadas ou presentes) está madura para a produção dos signos do futuro. Signos feitos antes de vontade, de consciência e de imaginação do que de pura memória. Signos do poema utópico. Signos do poema político”.

Sendo assim, “o artista é o afinador de toda realidade”, diz VP. Através do texto autoreferencial, **Retomada**, a poetisa-filósofa faz uma espécie de viagem para dentro.

Retomemos...

... é preciso dizer... é preciso liberar o grito desesperado de todas as nossas imprecisões... é preciso abrir o peito, soltar o coração, emocionar a razão e, na palma da mão, colher uma saliva menos amarga, sem esse gosto de sangue, como se da raiz da alma brotasse hemoptise...

... socorro...!

... é preciso dizer...GRITAR!

De acordo com Bosi O “gemido da criatura opressa” não se cala por infinda que seja a espera da liberação. E porque esse gemido é também protesto, altera-se, muda de

tom e de timbre, vira grito, rouco desafio, duro afrontamento, até achar os ritmos da poesia utópica.

Nessa linha de pensamento, a criação de VP nasce como uma explosão e, ao traçar o perfil dessa viagem que é o mergulho dentro de si para a criação, coloca suas dúvidas, seus medos, suas angústias: “é preciso liberar o grito desesperado de todas as nossas imprecisões”. O discurso da utopia é comunitário, comunicante, comunista, afirma Bosi, pois o poema assume o destino dos oprimidos no registro da sua voz. Assim, resistir é subsistir no eixo negativo, é persistir no eixo instável que do presente se abre para o futuro. (BOSI, op. cit.). De acordo com VP, “o poeta é esse alquimista do corpo, da imagem, da dor e da alegria”.

Os textos poéticos e filosóficos de VP são indicativos remetem a VOZ, que é sinônimo de inquietação. “A voz, que cria o nexos, que encontra o ele (perdido?) entre o gesto, o grito e... e o som que se faz palavra. [...] preciso dizer como se sonhasse. Força propulsora de criação poética, a VOZ resiste, re-criando realidades. “Da resistência ao passado imagina uma nova ordem que se recorta no horizonte da utopia” (BOSI, op. cit. 146).

Para Valdelice, escrever, fazer poesia é...

é uma espécie de viagem; não uma viagem alienatória, uma fuga ao aí e agora, mas um como que embarcar nesse aí e agora para projetá-lo, na dimensão criadora, melhor e maior, mais perfeito e mais justo. Por isso a poesia ou Arte é fundamentalmente contestadora; manifesta sempre, ou geralmente, uma desaptação, um inconformismo – não um inconformismo comum, meramente psicológico, mas inconformismo da mente querendo ordenar o caos, isto é, querendo criar (Inédito - Processo Criador, f. 26).

A abertura às interpretações variadas, proeminente dos textos poéticos, metapoéticos e filosóficos de VP, possibilita várias leituras pela pluralidade de sentidos que apresenta. Segundo VP, “para o poeta, o sentido das coisas é muito amplo, tem aspectos, às vezes de infinito – gerais, aí no meu poema são todos os que comandam no plano da maldade, da injustiça, da inconsciência humana e nada tem de especial com os militares” (Processo Criador, f. 28).

A poesia de resistência de VP traz diversos tipos de reflexões, especialmente, em relação ao código vinculado pela linguagem poética. É um convite ao leitor que lê, nas entrelinhas, os sentidos que estão além das palavras: um protesto, uma denúncia, uma angústia provinda das inquietações, o inconformismo expresso em uma linguagem especial, porque carregada de emoção.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conforme afirma Paz (1982), o poema, sem deixar de ser palavra e história, transcende a história. Naturalmente, por se tratar de um elemento que assegura a unidade da poesia.

Para Gumbrecht (2005, p.32):

Não há uma pretensão (nem necessidade) sistemática de clara distinção de gênero entre “literatura” e “filosofia”; nem parece haver uma única resposta à pergunta potencial de como os textos filosóficos podem nos ajudar a entender os textos literários do passado.

Antes, nós experimentamos – às vezes com considerável pouca consciência – a sensação de que somos filósofos amadores.

Certamente, todo poeta é também, além de artista, um filósofo, um sonhador, pela utopia que resiste ao caos como disse Valdelice Pinheiro. A palavra relata, inventa no sentido de criar outra realidade, mas transpõe o fato e por isso transcende a história. A resistência é uma marca do inconformismo, da vontade de mudar, de ver uma outra realidade que não àquela contada pela história dos homens.

Assim revela-nos a poetisa Valdelice Pinheiro:

Não tenho medo da palavra. Nenhuma espécie de linguagem, para mim, pode significar um ato de covardia. Toda linguagem, como forma superior de expressão, tem que ser a manifestação de uma situação que se enfrenta, se sente, se reflete, se critica, não pode ser de outro modo, sob pena de se anularem os valores implícitos do agir humano. Não posso conceber um povo que se cala e muito menos uma juventude passiva. E quando falo linguagem, aqui, não me refiro apenas à língua que se fala – todo ato humano é linguagem, desde quando é expressão (Processo Criador – f. 41).

Nessa perspectiva a leitura que se faz de um poema, um texto literário abrange sempre algo maior no universo da criação, do imaginário do artista num contexto onde coexistem ficção e realidade. A leitura de um livro é também um exercício que fazemos da leitura do mundo. O olhar e a linguagem em suas várias expressões traduzem a multiplicidade do artista, seu estar no mundo e sentir o mundo. O poeta utiliza-se dos recursos metalingüísticos e, assim, explora as potencialidades da língua, refletindo sobre a vida, o cotidiano, as questões filosóficas, o homem e suas buscas:

*Eu invento
Cristais
à flor da terra
e crio
o inexistente.
Meu universo
nem aparece
Por isso
é maior,
eterno,
indestrutível.
(Valdelice Pinheiro)*

REFERÊNCIAS

- ACERVO ICER. Processo criador/ História de vida de Valdelice Soares Pinheiro.
- BOSI, Alfredo. **O ser e o tempo da poesia**. São Paulo: CULTRIX, 1990.
- BARBOSA, João Alexandre. **Metáfora crítica**. São Paulo: Perspectiva, 1974.
- CHALHUB, Samira. **A metalinguagem**. São Paulo: Ática, 1998.
- GUMBRECHT, Hans Ulrich. **Floema – Caderno de teoria e história literária**. Vitória da Conquista: UESB, 2005.
- NANCY, Jean-Luc. **Resistência da poesia**. São Paulo: VENDAVAL, 1996.
- PAZ, Octávio. **O arco e a lira**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.

PINHEIRO, Valdelice. **De dentro de mim**. Itabuna: ITAGRAF, 1961.

_____. **Pacto**. Rio de Janeiro: OLÍMPICA, 1977.

_____. **Qvinto Império** – Revista de cultura e Literaturas da Língua Portuguesa. Nº 3, 1994.

SIMÕES, Maria de Lourdes Netto. **Expressão poética de Valdelice Pinheiro**. Ilhéus: EDITUS, 2002.